MULHERES E VIOLÊNCIA NO CANGAÇO: BREVE HISTÓRIA DE VIDA DE MARIA BONITA E DADÁ

WOMEN AND VIOLENCE IN CANGAÇO: BRIEF HISTORY OF LIFE OF MARIA BONITA AND DADÁ

MUJERES Y VIOLENCIA EN CANGAÇO: BREVE HISTORIA DE MARIA BONITA Y DADÁ

Maria Carreiro Chaves PEREIRA[*]
Erlando Silva RÊSES[**]

Resumo: No presente artigo procuramos mostrar um pouco sobre a vida de dois nomes femininos, ícones do movimento cangaço, a partir de pesquisa bibliográfica. Movimento esse que teve Lampião como personagem principal. Mas aqui falaremos apenas dessas duas mulheres, pois necessário se faz que o cangaço também seja mostrado por meio da ótica feminina. Foram mulheres que sofreram violência e lutaram, mas que também quebraram um pouco do estigma do que era a vida da mulher sertaneja naquelas paragens. Ou seja, elas ousaram sair do contexto em que estavam inseridas, de apenas trabalharem na roça ao lado dos pais. Depois, ainda muito cedo, se casavam e iam fazer a mesma coisa ao lado do marido. Geração após geração era essa mesmice a vida da mulher no sertão nordestino. Ao falarmos sobre Maria Bonita e Dadá, estamos falando de mulheres, que ao lado de Lampião e de outros cangaceiros, compuseram um movimento que ainda é estudado e pesquisado por muitos. E, também, narrado por escritores, especialmente, os de cordel, que contam a história de seus personagens, fazendo assim com que o cangaço não caia no esquecimento.

Palavras-chave: Cangaço; Maria Bonita; Dadá; Lampião.

Abstract: In this article we try to show a little about the life of two female names, icons of the cangaço movement, from bibliographic research. This movement had Lampião as its main character. But here we will only talk about these two women, because it is necessary that the cangaço is also shown through the female perspective. They were women who suffered violence and fought, but who also broke a little of the stigma of what life in the country was like in those places. In other words, they dared to leave the context in which they were inserted, to just work in the fields alongside their parents. Then they got married very early and were going to do the same thing with their husband. Generation after generation was the same life of women in the northeastern hinterland.

[*] Agente administrativo do Ministério da Economia. Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília. Contato: carreiromeister@gmail.com.

[**] Professor Associado da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Contato: erlandoreses@gmail.com.

When talking about Maria Bonita and Dadá, we are talking about women, who together with Lampião and other cangaceiros, composed a movement that is still studied and researched by many. And, also, narrated by writers, especially those of cordel, who tell the story of their characters, thus making sure that the bandit does not fall into oblivion.

Keywords: Cangaço; Maria Bonita; Dadá; Lampião.

Resumen: En este artículo intentamos mostrar un poco sobre la vida de dos nombres femeninos, íconos del movimiento cangaço, de la investigación bibliográfica. Este movimiento tuvo a Lampião como protagonista. Pero aquí solo hablaremos de estas dos mujeres, porque es necesario que el cangaço también se muestre a través de la perspectiva femenina. Eran mujeres que sufrieron violência y lucharon, pero que también rompieron un poco el estigma de cómo era la vida en el país en esos lugares. En otras palabras, se atrevieron a dejar el contexto en el que estaban insertos, para trabajar en el campo junto a sus padres. Luego se casaron muy temprano e iban a hacer lo mismo con su marido. Generación tras generación fue la misma vida de las mujeres en el interior del noreste. Cuando se habla de Maria Bonita y Dadá, estamos hablando de mujeres, que junto a Lampião y otros cangaceiros, compusieron un movimiento que todavía es estudiado e investigado por muchos. Y, también, narrado por escritores, especialmente los de cordel, que cuentan la historia de sus personajes, asegurándose así que el bandido no caiga en el olvido.

Palabras clave: Cangaço; Maria Bonita; Dadá; Lampião.

Exórdio

Falar em uma epistemologia do cangaço é algo totalmente possível, pois tal movimento ocorreu no sertão nordestino brasileiro e ainda hoje desperta o interesse e a curiosidade de muitas pessoas. É conhecido como o fenômeno do banditismo rural que teve na figura de Lampião a sua mais famosa expressão (NEGREIROS, 2018). Este se configurou como o maior ícone desse movimento, sua figura atraía até mesmo o interesse das crianças, que em sua inocência viam nele uma espécie de herói a ser imitado.

O universo do cangaço continua sendo objeto de estudo por parte de pesquisadores, assim como Lampião e Maria Bonita ainda são personagens lembrados na literatura, principalmente a de cordel.

> Violeiros repentistas
> Cantando na região
> Batizaram novamente
> A mulher de Lampião

Como Maria Bonita
A linda flor do sertão
(SERRA, 2016, p. 294)

Ao abordar o tema do cangaço pode-se pensar que as figuras de destaque foram apenas os homens, chamados cangaceiros. Mas ali também estiveram muitas mulheres. E não foi somente Maria Bonita que fez parte daquele mundo. Embora ela tenha sido a primeira a entrar para o bando, muitas outras Marias também habitaram aquele ambiente predominantemente masculino, e deram, inclusive, uma nova roupagem aos acampamentos.[1]

Não é pretensão nossa analisar ou tentar decifrar os motivos pelos quais um grupo de mulheres ali tenha estado, o que cabe aqui é demonstrar que a presença delas no Cangaço foi uma realidade, e, que é preciso que se fale sobre isso. Infelizmente há ainda quem desacredite nas brutalidades sofridas por aquelas mulheres. Para quem pesquisa o mundo do cangaço, no entanto, a violência que elas suportaram poderia ser comparada a cenas de filmes de terror. Mas não foi ficção. Foi a realidade encarada por elas (NEGREIROS, 2018).

No presente artigo recorremos à pesquisa bibliográfica, seguida de discussão, para discorrer sobre a vida de duas dessas valentes mulheres: Maria Bonita e Dadá. Dois ícones femininos do cangaço.

A entrada das mulheres no cangaço

Antes de destacarmos a trajetória dessas duas valentes mulheres, consideramos importante falar em poucas palavras sobre como era a vida feminina no sertão e como algumas foram parar no cangaço. A vida da mulher no sertão girava em torno do casamento. Com isso desde cedo lhes eram ensinadas as tarefas domésticas, porque o projeto de vida para elas era aquele: uma vida dura, de trabalhos na roça ao lado dos pais e após o casamento, era a mesma rotina, só que a partir dali, ao lado do marido (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

[1] As mulheres logo seriam admitidas, na fieira de Maria, na vereda desobstruída pela jovem costureira de bordados de Paulo Afonso, com sua têmpora individual resoluta. [...] No surgimento, as mulheres cangaceiras passaram a dar uma nova feição aos acampamentos, em cuja limpeza ajudavam. Usavam compridas guaxumas, vassouras de gravetos, e ainda davam trato nas vestimentas; mais não faziam, pois, em situação de embate iminente, era exigida certa disposição dos afazeres (SERRA, 2016, p. 295).

Ora, como as meninas iam sendo preparadas para o matrimônio desde cedo, não é difícil deduzir que não havia outras oportunidades com as quais elas pudessem ter um crescimento pessoal e melhorar suas condições de vida. A realidade delas já estava traçada – se saíam da casa dos pais, era para ir direto para a casa do marido. Ou seja, saíam do domínio de um e iam para o domínio do outro.

Pode-se imaginar que os meios de comunicação àquela época fossem precários, mas a fama de Lampião e seu bando se espalhava por todo o sertão. E se despertava medo em muitas mulheres por causa da violência por eles praticada, em algumas despertava o desejo de acompanhá-los, talvez como forma de quebrar a monotonia e trazer um pouco de emoção para suas vidas. No imaginário delas, os cangaceiros levavam uma vida de aventuras, riquezas e festas. Isso acabava fazendo com que algumas sentissem o desejo de se aventurar (NEGREIROS, 2018).

Segundo narra a obra *Bonita Maria do capitão*, foi Maria Bonita quem abriu as portas para que outras mulheres adentrassem o submundo do cangaço, isso devido ao fato de que com as visitas de Lampião e seu bando à casa de Maria, sua família começou a ser agredida pela polícia volante, pois esta estava sempre em busca dos cangaceiros. Com isso, o pai dela se viu obrigado a mudar-se da Bahia para Alagoas. Foi quando Maria optou por acompanhar Lampião. Mesmo que a decisão tenha sido tomada de supetão, ela foi a precursora em abrir o caminho para outras mulheres ingressarem num universo até então fechado ao sexo feminino (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

Para aquelas que idealizavam o cangaço como um ambiente de festas, danças e aventura, a realidade era no mínimo, diferente. Ali havia regras muito rígidas a serem cumpridas, principalmente pelas mulheres. De acordo com a narrativa apresentada pelo documentário *Feminino Cangaço* (2013), e por trechos constantes em algumas obras pesquisadas para compor esse estudo, foi possível verificar que uma mulher não podia entrar para o bando se não estivesse ligada a algum cangaceiro, no caso, maritalmente. Isso fazia parte das regras estabelecidas. Caso uma delas ficasse viúva, tinha, que procurar outro cangaceiro como companheiro, com urgência, pois não era permitido a ela ficar ali sozinha porque acabava se tornando um alvo fácil para a polícia volante,

já que não tinha a proteção do cangaceiro. Caso não se ligasse a nenhum outro homem do bando, tal mulher era exterminada. [2]

Ainda sobre a realidade feminina no sertão, as mulheres eram as que mais sofriam com a violência. O estupro era uma realidade para elas e não havia a quem denunciar e nem a quem reclamar. Elas estavam à mercê da própria sorte. Caso denunciassem o risco era duplo: por parte dos cangaceiros e por parte da polícia que podia entender como uma confissão de culpa por haver acoitado os cangaceiros: "E muitos soldados tinham por hábito punir crimes como aquele com as próprias mãos – ou com o próprio pênis" (NEGREIROS, 2018, p. 53).

Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita

Maria Gomes de Oliveira, era filha de José Gomes de Oliveira, conhecido como Zé Felipe e de Maria Joaquina Conceição Oliveira, conhecida como dona Déa. Por isso Maria era também conhecida como Maria de Déa. O local de nascimento foi Malhada da Caiçara na Bahia e a data teria sido 08 de março de 1911[3].

[2] Toda mulher que entrava no Cangaço, obrigava-se a acompanhar um cangaceiro; melhor dizendo, ela não podia entrar para o Cangaço sozinha, sem estar atrelada a um homem. Até quando um cangaceiro morria em combate, a sua companheira tinha de se juntar a outro para garantir a sua vida. Uma cangaceira solteira, sem a proteção de um cangaceiro, poderia tornar-se uma mulher sem propósito no convívio com o bando, além de alvo frágil para a polícia volante. Vinte e Cinco comentou que existiram casos de viúvas que foram eliminadas pelos cangaceiros. Um dos casos foi o de Rosinha, companheira do chefe de grupo Mariano. Em um cerco da volante de Zé Rufino, Mariano foi morto [...]. Rosinha não conseguiu unir-se a nenhum outro cangaceiro e, por isso, selou seu destino (FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 40).

[3] A partir da década de 1990, Maria Bonita passaria a ser lembrada, com frequência, todo dia 8 de março, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher. Em mais uma das inúmeras lendas que cercam sua figura, poetas populares e memorialistas estabeleceram que aquela data seria a data de nascimento da cangaceira. Em *O Espinho do quipá: Lampião, a história*, livro publicado em 1997 em coautoria com o pesquisador Antônio Amaury Corrêa de Araújo, a neta de Lampião e Maria Bonita, Vera Ferreira – ela é filha de Expedita Ferreira, única filha do casal –, cravou-se a data de 8 de março de 1911. Desse modo, o aniversário da cangaceira soaria como uma predestinação. Em 2011, ano em que se registraram diversas comemorações pelo suposto centenário de Maria Bonita, um pesquisador de Paulo Afonso, o sociólogo Voldi Ribeiro, localizou o assentamento do batismo de Maria Gomes de Oliveira na paróquia de São João Batista de Jeremoabo. No documento, consta a data de nascimento da criança: 17 de janeiro de 1910 (NEGREIROS, 2018, p. 150).

Seguindo os costumes do sertão, das moças se casarem cedo, Maria também fez isso. Ela casou-se com apenas 16 anos, com o sapateiro Zé de Nenê e foi morar no povoado Santa Brígida, na Bahia (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

Ocorreu, porém que o casamento de Maria e Zé não deu certo. Eles brigavam muito, se separavam e depois dessas brigas ela costumava voltar para a casa dos pais. Numa dessas vezes em que ela se encontrava na casa dos pais, conheceu Lampião, se apaixonaram e posteriormente ela optou por acompanhá-lo (SERRA, 2016).

Em referência ao qualificativo de Bonita acrescentado ao nome de Maria, é difícil dizer como surgiu, já que no sertão os apelidos eram bastante comuns. Maria inicialmente, era Maria de Déa, apelido da mãe. No ambiente do cangaço ela era Maria do Capitão ou dona Maria. E Lampião costumava chamá-la de Santinha. Há versões a respeito que diz que o codinome Bonita foi dado por um policial volante que a achava bonita. Há outra que afirma que foi feita uma tradução da palavra francesa *joli*, que foi escrita em uma xilogravura num folheto de cordel, em que Maria aparecia ao lado de Lampião (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

Mesmo já tendo se passado muito tempo, a história de amor de Maria Bonita e Lampião ainda povoa a imaginação dos autores, principalmente cordelistas, que narram a história do casal em seus folhetos. Embora tenha sido uma história de amor, foi principalmente uma história de constante luta pela sobrevivência, em que até a cor da roupa usada poderia contribuir para facilitar a visão do inimigo ao direcionar os disparos de armas de fogo em direção a eles[4].

Por outro lado, porém, é necessário que se reconheça que por mais difícil que tenha sido a vida de Maria Bonita no ambiente do cangaço, ela viveu plenamente a escolha feita ao acompanhar Lampião e dentro do que as circunstâncias permitiam, conseguia, até mesmo ser uma pessoa leve e brincalhona, que aparentava já ter nascido pronta para

[4] Mesmo sob proteção, Maria Bonita foi ferida em 1935. Em um ataque comandado por Lampião, na Vila Serrinha do Catimbau, região próxima da cidade de Garanhuns-PE, Maria foi baleada e, por ter sido atingida pelas costas, pode-se supor que, no momento, ela se afastava do local de combate. Ainda no escuro do início da manhã, Maria se tornou alvo fácil por estar trajando um vestido branco. A Maria do capitão foi levada a um local da caatinga de difícil acesso para o inimigo, onde pôde ser tratada por integrantes do próprio grupo (FERREIRA; ARAÚJO, 2011, p. 41).

aquele modo árido de vida. Maria foi chamada, inclusive, de rainha do cangaço (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

Maria foi executada com extrema crueldade, pondo fim ao reinado da mulher brincalhona e apaixonada por Lampião. Segundo a narrativa, o assassinato foi em uma emboscada, quando ainda estava acordando. Seu corpo foi alvejado por tiros e sua cabeça decepada enquanto ainda estava viva. Ou seja, eles não estavam em um confronto, nem em posição de se defender e, portanto, sem condições de oferecer resistência (NEGREIROS, 2011).

> Maria estava com uma bacia na mão quando levou o primeiro tiro na barriga. [...]. Conforme contaria depois, o soldado Godoy ignorou os suplícios da cangaceira para que a deixasse viver. [...]. Ele não se sensibilizou. Com um só golpe, arrancou-lhe a cabeça, ainda com vida. [...]. Depois de se livrar da trabalhosa tarefa, ainda de acordo com a história contada pelo próprio Godoy, usou a boca do fuzil para levantar a parte debaixo do vestido de Maria. Chamou a atenção dos outros soldados para a cor da calcinha que ela usava naquela manhã. Era encarnada, como descreveria. [...]. Deixaram os corpos decapitados dos bandoleiros ao relento, para deleite dos urubus. O de Maria seria abandonado com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina. [...]. Quando Maria Gomes de Oliveira morreu, nasceu Maria Bonita (NEGREIROS, 2018, p. 233-235).

É possível constatar de acordo narrativa feita, que no assassinato de Maria foram acrescentados elementos de crueldade pior do que nos demais cangaceiros. Com isso, o machismo e a misoginia ficam evidentes. Não bastou tirar-lhe a vida e decepar a cabeça enquanto ainda estava com vida. Seus algozes acharam por bem aumentar a crueldade para que a supremacia do macho ficasse evidenciada. Havia o desejo de deixar estampado o poder do macho diante da figura feminina.

Ali, no entanto, morreu a mulher Maria de Déa, a Maria do Capitão, mas nasceu Maria Bonita, a mulher que saiu do anonimato e passou a pertencer à história do mundo (FERREIRA; ARAÚJO, 2011).

Sérgia Ribeiro da Silva, a Dadá

Falaremos agora de Dadá, a companheira de Corisco que também foi um nome de grande importância dentro do cangaço. Ela foi

uma mulher de extrema coragem e força. Ao lado dele encarava qualquer situação. E se por algum motivo, Corisco não podia comandar o bando, era ela quem tomava a frente e empunhava as armas. A história da entrada de Dadá para o cangaço, no entanto, foi uma das mais brutais e estarrecedoras. Ela era apenas uma menina que morava com a família quando Corisco a levou (NEGREIROS, 2018).

A violência praticada pelos cangaceiros, era algo corriqueiro naquelas paragens. E isso se dava de forma mais violenta contra as mulheres, pois parece que só o fato de ser mulher já era motivo para ser punida. Os atos praticados eram muito cruéis. Eram estupros, geralmente coletivos, contra mulheres de todas as idades. Nem crianças e nem idosas eram poupadas. Uma outra punição muito praticada por eles era marcar com ferro em brasa as iniciais do nome do cangaceiro na face, na virilha, ou nas coxas da mulher que usasse cabelos curtos ou uma vestimenta acima dos joelhos. De Todas as formas as mulheres eram as maiores vítimas dessa violência exacerbada, pois ela também era praticada como forma de atingir os homens, caso eles os tivessem denunciado. Bastava existir a desconfiança, como foi o caso do pai de Dadá, senhor Vicente, acusado de denunciar o cangaceiro conhecido como Corisco (NEGREIROS, 2018).

> Dar com a língua nos dentes era crime grave, que merecia o pior dos castigos, dizia o visitante. [...]. – Mas é só uma menina – insistia o velho. Ato contínuo, o rapaz deu ordem para os dois invadirem a casa e arrastarem Sérgia. [...] A fera que se vingara de seu Vicente de maneira tão implacável se chamava Cristino Gomes da Silva. Mas, nas sendas da caatinga, atendia pelo codinome de Corisco, o Diabo Louro. Contava, na ocasião com 20 anos. Sérgia, a menina, tinha por apelido Sussuarana. A partir daquele dia, seria conhecida como Dadá. [...]. Conduziu a menina mata a dentro e, quando chegaram à roça da Baixa Grande, jogou-a ao chão. Imobilizou-a, levantou-lhe o vestido, abriu-lhe as pernas e se debruçou sobre seu corpo. "Feito um animal", como ela viria a descrever no futuro. Penetrou-a com força, repetidas vezes. Aos doze anos, Dadá perderia a virgindade naquele estupro. Quando finalmente Corisco se saciou, a garota estava inerte, quase desfalecida, com a região genital em carne viva, esvaindo-se em sangue. Delirando de tanta dor, pensara que suas pernas haviam virado escamas de peixe [...]. Corisco a arrastou de volta à casa da tia e pediu à senhora que cuidasse da garota. Quando estivesse recomposta voltaria para pegá-la (NEGREIROS, 2018, p. 33-34).

Mesmo diante de uma violência tão brutal a que foi submetida, Dadá não teve escolha e foi obrigada a "aceitar a condição de esposa" de Corisco, que como Lampião também possuía um bando de cangaceiros. Nessa condição permaneceu ao lado dele até o dia em que este veio a falecer. Após o evento da morte do marido, Dadá foi presa, mas depois de ser solta teve, ainda, oportunidade de refazer a vida, quando, então, se casou novamente, passou a trabalhar como costureira e foi morar em Salvador (NEGREIROS, 2018).

Considerações finais

A presença da mulher no cangaço foi uma realidade da qual não podemos nos furtar de falar, pois essas valentes lutadoras ajudaram a construir o movimento e suas vidas precisam ser lembradas para que não caiam no esquecimento.

É necessário que a história do cangaço seja contada também pela perspectiva feminina, pois por vontade própria ou não, as mulheres ressignificaram o movimento. Elas resistiram às condições mais adversas do sertão nordestino. Estiveram à mercê de homens extremamente violentos, tanto os cangaceiros quanto os da polícia volante foram seus algozes. A mulher cangaceira suportou situações absurdamente violentas e cruéis. Seus corpos foram submetidos a toda sorte de dores, provocadas pelas mais diferentes torturas, tanto físicas, quanto psicológicas. Por isso, essa história precisou ser contada.

Algo que ficou evidente foi que, em sua maioria, as mulheres cangaceiras, foram vítimas de uma ou mais situações de violência praticadas por seus companheiros. Inclusive, poderíamos continuar narrando outras histórias, porém, apenas repetiríamos casos de estupros, espancamentos, mortes, enfim, apenas mostraríamos toda sorte de violência dos quais essas mulheres foram vítimas.

Mulheres e meninas continuam sendo torturadas, queimadas, estupradas e mortas a cada minuto em todas as regiões do país. E isso na maioria das vezes não é feito por desconhecidos, mas por aqueles que têm algum tipo de ligação com elas. São homens acostumados a pensar que seus corpos são suas propriedades.

Referências

FEMININO CANGAÇO. Direção de Manoel Leto e Lucas Viana. Bahia: Uneb, 2013. (75min), YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LO eds&feature=youtu.be. Acesso em: 30 maio 2020.

FERREIRA, Vera; ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Bahia: ADUNEB, 2011.

LIMA, João Sousa de. **Mulheres Cangaceiras**. Bahia: Fonte Viva, 2017.

SERRA, Luiz. **O Sertão Anárquico de Lampião**. Brasília: Outubro Edições, 2016.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita, sexo, violência e mulheres no Cangaço**. São Paulo: Objetiva, 2018.

Recebido em: 31 de agosto de 2021
Aceito em: 10 de dezembro de 2021